

O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento*

Flávia Gonçalves da Silva**

Resumo: O objetivo desse estudo foi investigar a atividade ocupacional geradora de sofrimento e adoecimento a partir de quatro professores da rede pública do município de São Paulo, atuantes no nível dois da educação fundamental. O estudo da atividade profissional, especificamente a sua estrutura, as condições encontradas pelos docentes para executá-la, a relação desta com o desenvolvimento psicológico dos professores (se esta era a principal forma desses profissionais se relacionarem com a realidade – a atividade principal) e os tipos e mecanismos de alienação existentes no e para o indivíduo, nortearam essa pesquisa, orientada pelos fundamentos teórico-metodológicos do marxismo e da psicologia sócio-histórica. A investigação revelou que as condições inadequadas e alienadoras encontradas pelos professores para executar sua atividade estavam ocasionando adoecimentos relacionados, principalmente, com as emoções e sentimentos desses profissionais (*stress*, labirintite, depressão) gerando também outras doenças, como foi o caso de dois professores.

Palavras-chave: sofrimento; adoecimento; professor.

* Esse texto foi extraído da tese de doutoramento com mesmo título, defendida em 2007 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação pela PUC/SP. Uma versão deste ensaio foi publicada na revista "Educação de Classe", em dezembro 2010.

** **FLÁVIA GONÇALVES DA SILVA** é Psicóloga, formada pela UNESP/Bauru/SP, Mestre e Doutora em Psicologia da Educação, pela PUC/SP. Professora do Departamento de Educação Física na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Era uma vez...

... duas professoras, Joana e Laura, que diariamente iniciavam cedo suas rotinas para conseguirem cumprir as extensas 12 horas de atividade profissional. Quando não iniciavam cedo a jornada de trabalho, terminavam tarde. Se bem que, com 12 horas de atividade todos os dias, sempre se terminava tarde. Entravam numa sala, pediam a atenção da turma para ouvi-las, faziam a chamada, escreviam na lousa, explicavam o que escreveriam, passavam exercícios, explicavam, corrigiam, chamavam a atenção para que ouvissem a explicação, davam bronca naqueles que não faziam nada do que foi pedido e também naqueles que falavam alto, nos que brigavam e/ou batiam nos colegas ou ainda nos que lhes desrespeitavam. Quando batia o sinal, 50 minutos depois que entravam na sala, iam para outra, e tudo começava novamente: pediam atenção da turma para ouvi-las, faziam a chamada...

Esse entra e sai de uma sala para a outra a cada 50 minutos podia se repetir até 8 vezes num mesmo dia. Tendo em vista que cada sala tinha, em média 40 alunos, Joana e Laura podiam se deparar, diariamente, com 320 alunos com idades entre 11 e 15 anos já que eram professores do Ensino Fundamental II. Dentre esses 320 alunos, haviam aqueles que obedeciam as solicitações dos professores e outros que agiam como se estivessem em qualquer outro lugar, menos na escola. E eram esses últimos que faziam com que Joana e Laura desconhecessem estratégias para mostrar que a escola era um lugar diferente dos que freqüentavam, que tinha regras que deviriam ser seguidas, como em qualquer outro lugar.

Mas, como deveriam se comportar na escola? Por que a escola deveria ser

diferente de qualquer outro lugar? Porque era lá, na escola, que eles aprenderiam os meios de “serem alguém na vida”, a partir, dos conteúdos curriculares, dos valores morais, das relações interpessoais, que deveriam primar pela educação de qualidade. É o que pensavam nossas duas professoras. Esperavam que cada aluno tivesse interesse próprio pela escola e para o que ela poderia (ou deveria) oferecer aos educandos. Se isso acontecesse, não precisariam gastar até 15 minutos (de uma aula de 50) para organizar a turma de modo a ficar minimamente quietos para que pudessem ouvi-las.

Para Joana e Laura, se os alunos tivessem interesse em aprender, elas não se irritariam com o barulho constante, não sofreriam com o desrespeito de alguns alunos frente à almejada autoridade docente, que se perdeu ao longo dos anos, não se sentiriam sozinhas diante das dificuldades que encontravam continuamente no trato com os alunos, com os pais, com outros educadores, com os conteúdos curriculares, enfim, com a educação. Não se sentiriam sozinhas na árdua tarefa de educar, quando foram formadas para ensinar; não teriam tantas angústias se, apesar desses fatores, contassem com boa infra-estrutura escolar, bons recursos didáticos, orientação e formação técnico-pedagógica (a tão aclamada formação continuada), que lhes propiciassem competências e habilidades (como todos os documentos governamentais da educação almejam) para serem boas profissionais. Conseqüentemente, voltariam a ser valorizadas profissionalmente, valorização essa evidenciadas no respeito por sua ocupação e principalmente, na remuneração salarial.

Mas, como o “se” se fazia presente, a rotina diária de Joana e Laura era justamente a que relatamos no começo dessa história. Além das tarefas que eram realizadas dentro da sala de aula, essas duas professoras corrigiam trabalhos, provas, planejavam aula (quando conseguiam), preenchiam papéis burocráticos, davam atenção aos alunos que as procuravam, conversavam com os pais, participavam de reuniões que, em muitas vezes, não contribuíam em nada com suas atividades profissionais.

Fora da escola, em casa, cuidavam da família (as duas eram casadas e tinham filhos) e tentavam resolver os problemas que daí emanavam diariamente. Nos finais de semana além das tarefas domésticas, cada uma tentava levar a vida como qualquer outra pessoa de classe média baixa que vivia numa grande capital (a maior do país) nos bairros mais periféricos da cidade: consertos e limpeza domésticos, compras, acompanhar a educação dos filhos, dar atenção ao companheiro afetivo, aos parentes e amigos, ir ao teatro, cinema, shows, quando era possível (e quase nunca o era). Às vezes levavam atividades profissionais para casa bem como as preocupações a ela relacionadas. Esses eram os dias de descanso!

Só que essa história narrada como “era uma vez...” não é apenas algo que aconteceu; ela acontece diariamente com Joana e Laura¹ há, pelo menos, 10 anos. E não acontece somente com os personagens dessa história, mas com milhares de professores de escola pública que vivem em grandes cidades, como São Paulo.

Como o corpo agüenta tanta pressão, exigências, responsabilidades, rapidez, barulho, angústias, irritações,

sofrimentos, solidão? Na verdade, nem sempre agüenta. O corpo de Joana martiriza-se com depressão; e o de Laura com tendinite no ombro esquerdo.

Esse “drama” da vida cotidiana não é “mérito” apenas dessas duas professoras, mas de todos professores que sobrevivem com renda média de 6 a 10 salários mínimos, que moram e trabalham nas periferias das grandes cidades, que contam com pouca infraestrutura para habitação, educação, segurança, saneamento básico e lazer.

A evidência do sofrimento dos professores não se expressa apenas no contato pessoal e direto com estes profissionais; também é revelada nos índices de licenças médicas concedidas a estes profissionais anualmente. Somente no primeiro semestre de 2010, o número de licenças médicas concedidas aos professores no município de São Paulo por transtornos mentais correspondeu a 70% de todas as solicitações dessa natureza feitas em 2009.

Assim, são milhares de homens e mulheres que exercem a função docente que sofrem direta ou indiretamente, em maior ou menor proporção, com essa situação, bem como todos a sua volta: amigos, familiares, colegas de trabalho, alunos, ... Alunos...?! Por que será que esses sujeitos aparecem com tanta frequência na fala dos professores e nas pesquisas sobre educação quando está em pauta a saúde dos educadores? Talvez porque são voltados a eles (ou pelo menos deveriam ser) os objetivos de toda e qualquer atividade docente. Além disso, pode ser também por eles serem vistos como os responsáveis por parte do sofrimento e do adoecimento dos professores. Ora, é só pensar na rotina diária de Joana e

¹ Nomes fictícios.

Laura, e de muitos outros professores, para entender as razões dessa responsabilidade.

Mas, será que eles são responsáveis mesmo? Ou por meio deles se materializam e se revelam fatos muito mais amplos, como a modificação das relações familiares (que já não são tão nucleares como tempos atrás), do mercado de trabalho, da própria estrutura educacional e da sociedade como um todo?

O fato é que quando se conversa com professores, os alunos sempre tem lugar garantido em seus discursos, e de forma ambígua: são eles os que fazem com que permaneçam na profissão (entre outros fatores) e, ao mesmo tempo, os que fazem pensar em abandoná-la. Que fascínio será que esses seres denominados alunos exercem sobre alguns professores a ponto de, ao mesmo tempo, serem algozes e amados na educação? Talvez porque os professores sabem que muitos alunos não são algozes por que querem; aliás, muitos deles nem sabem o significado dessa palavra. Acabam tendo essa função porque, talvez, não lhes ensinaram a importância da educação formal, nem sabem que o professor é aquele que apenas quer ensinar o que não se aprende fora da escola, ou ainda, desconhecem o motivo real de existência da escola.

Os alunos, em geral, só conhecem a escola do “não pode”: não pode gritar, não pode correr, não pode brincar, não pode brigar, não pode fazer travessuras, não pode falar...O que pode, então? Pode ficar quieto sentado em cadeiras de madeira dispostas em fileiras por quatro horas; pode fazer lição, pode prestar atenção no que o professor fala (mesmo quando não entende que “língua” ele está falando), pode sair em fila, pode falar baixo (quando lhe for permitido), pode

deixar de ser criança, adolescente. Para eles o que “pode” é chato, cansativo, sem sentido, e o que “não pode” é o prazeroso, o divertido.

Mas, como ensinar sem ordem e silêncio? É possível? Falaram para o professor que sim, mas não lhe mostraram como fazer isso. Apenas lhe falaram que ele “não pode” mais ensinar em detrimento da curiosidade do aluno, que “não pode” mais utilizar metodologias de ensino arcaicas, e que “pode” ensinar desde que o aluno demonstre necessidade de aprender a aprender. Aliás, falaram para o professor que ele não é mais aquele que ensina algo, ele facilita a aprendizagem de algo. O que é isso?

Na verdade, os alunos, assim como os professores (o que não eximem ambos de responsabilidades no processo educacional) padecem nas mãos do mesmo algoz: o descaso com a educação. E alguns professores sabem disso e, mesmo com todos os comportamentos considerados inadequados dos alunos, ainda se satisfazem ao ver o aluno aprender o que ele (o professor) lhe ensinou, de ver sua atividade reconhecida quando um aluno fala “você foi o melhor professor que tive”, “o que você me ensinou foi muito importante” ou ainda encontrar com um aluno tempos depois e saber que ele aproveitou as oportunidades que surgiram e que ele mesmo as construiu a partir também do que foi aprendido na escola. Nesses casos, o professor reconhece nesse aluno o produto de toda sua atividade educacional.

Claro que há aqueles professores que se emocionam com as falas dos alunos sobre o reconhecimento de seu trabalho, mas há os que permaneçam na profissão, efetivamente, pela estabilidade que um concurso público oferece e a certeza que todo mês terá

como oferecer a sua família o mínimo necessário para sua sobrevivência.

Há também aqueles que não conseguem mais se emocionar com qualquer coisa oriunda dos alunos. Mas, será que estes que deixaram de se emocionar, de se envolver com sua própria atividade profissional, também não sofrem? Será que essa perda do envolvimento não é uma consequência das mazelas impostas à educação e aos educadores? Como explicar as faltas constantes, os altos índices de adoecimento? As histórias de Joana e Laura podem oferecer alguns indícios para começarmos a elaborar tais respostas.

Joana encontrava no exercício profissional a satisfação de boa parte das suas necessidades, por poder ensinar aos alunos conhecimentos que sempre gostou de estudar, participando da formação desses indivíduos, que em várias ocasiões, reconheciam essa intervenção de forma carinhosa e positiva; por poder se relacionar emocional e sentimentalmente com os alunos, de tal modo que a fazia sentir-se amada e respeitada, além de ser um meio de vida para garantir a satisfação de outras necessidades, pelo salário.

Laura tinha essas mesmas necessidades, e as satisfazia na atividade docente. Mas, além da docência, Laura encontrava em outra atividade profissional, como diretora de escola, a satisfação de suas necessidades que, parcialmente, convergiam de forma complementar, com as da atividade docente, como a remuneração salarial e a participação na formação do indivíduo, além daquelas referentes a especificidade desta atividade.

Aparentemente, a história dessas duas professoras é bem semelhante, salvo o fato de Laura, além de ser professora,

também ser diretora. Mas, as semelhanças também estavam no fato de ambas sofrerem quando não conseguiam alcançar as finalidades de suas atividades, ou ainda, quando não encontravam o reconhecimento profissional entre os alunos e a equipe técnica-pedagógica da escola. Sentiam-se frustradas quando algum aluno não aprendia, quando não se interessava pelo que elas tinham a ensinar, ou quando as desrespeitavam. Alunos como esses eram poucos, a minoria na verdade, mas eram suficientes para entristecê-las, angustiá-las, deixá-las com a sensação de impotência.

Além de sofrerem por estas razões, Laura e Joana ficaram adoecidas em decorrência de suas atividades profissionais, pelo menos assim era para elas, e esse adoecer interferia no modo e na qualidade de suas atividades. As doenças não eram as mesmas: Laura sofria com os músculos, tinha tendinite e bursite no ombro esquerdo, seu lado dominante nas atividades manuais; Joana padecia pelos sentimentos e emoções, manifestados na depressão.

Aqui, as diferenças entre elas começam a aparecer. Suas doenças estavam relacionadas com a história singular de cada uma, o modo como elas configuraram (e configuravam) psicologicamente a realidade vivida, as dificuldades e as facilidades, os prazeres e os sofrimentos, decorrentes da profissão docente e da vida de cada uma.

As alterações dos estados emocionais e comportamentais de Joana não eram tão evidentes, talvez por ela usar constantemente medicação antidepressiva. Mas, era só falar da sua atividade profissional, especialmente das dificuldades e dos problemas por ela enfrentados, que o estado de humor de Joana se “deprimia”. Na verdade, o que deixava Joana triste era o sentimento de

não ser importante, amada.

Joana encontrou na docência um meio de ser amada, e durante muito tempo se sentiu dessa forma. Para Joana, a frequência em que encontra alunos desinteressados e pouco amorosos, aumentou nos últimos anos, depois que a teoria educacional orientadora da prática dos educadores mudou, bem com a função dos professores e a relação deles com os alunos.

Essas mudanças se referem aos objetivos da educação, que de transmissora do conhecimento passou a ser ensinar aos alunos a aprender a aprender, ao papel do professor diante desse novo objetivo, que é de facilitador do conhecimento, e a relação entre professor e aluno que passou a ser menos autoritária, o que fez com que o professor, segundo Joana, perdesse sua autoridade em relação ao aluno.

Tudo isso causava sofrimento em Laura, mas em Joana era ainda maior, pois, para ela, um dos motivos orientadores de sua atividade era a relação entre elas e os alunos. Essa relação, em sua maioria, era tal como Joana idealizava, ou ficava próxima disso, mas em outras, essa relação era conflituosa, permeada por pouco carinho, o que a fazia sofrer. Esses casos eram minoria, mas eram suficientes para deixar Joana magoada e triste.

A relação entre professor e aluno é um aspecto muito importante no processo pedagógico. Afinal, quando se lembra dos antigos professores, em geral, vem a lembrança aqueles que se relacionaram de forma diferente com os alunos, tanto os mais bravos e rígidos, como os mais carinhosos e amigos. Mas, para Joana, a relação dela com os

alunos não era apenas uma ação constitutiva de sua atividade, que tinha a função mediadora entre ela e o conhecimento. Era isso, mas tinha também a função mediadora de ocupar o vazio afetivo de carinho que ela sentia em relação a outros aspectos de sua vida.

Mas, não era apenas esse o motivo que impulsionava Joana a ser professora. Tinha também o fato dela promover formação para os alunos, por meio do conhecimento que ela ensinava, dos valores, dos hábitos e do seu carinho.

A doença de Laura tinha uma história diferente. Na verdade, o caso de Laura evidenciava a inadaptação do corpo a uma situação que não deveria ser adaptada, que era a excessiva repetição de uma mesma operação, por longos períodos. Talvez Laura tivesse uma fragilidade maior nos músculos, se comparada a Joana, por exemplo, mas, isso pouco importa para essa história. O fato era que Laura sofria dores constantes devido a lesões nos músculos do ombro, o que a levava a ter acompanhamento médico e terapêutico constantemente, e a mudar, gradativamente, sua rotina de vida.

É verdade que Laura teve os primeiros sintomas de sua doença na execução de operações e ações constitutivas da atividade profissional que considerava um “alívio” em relação a docência, que era a administração escolar. No entanto, Laura acreditava que a origem de sua doença era a repetição contínua na operação de escrever, especialmente na lousa.

A doença de Laura teve origem pela repetição do que ela mais gostava de fazer: escrever. Laura não gostava da operação em si, mas do resultado dessa operação, concretizada numa

ação, que na atividade docente, servia como recurso didático pedagógico, como a produção de roteiros para teatro, textos para jornais, elaboração de redações. No entanto, foi justamente a operacionalização do que mais gostava, de um dos motivos impulsionadores de sua atividade, que lhe gerou a doença que tanto a fazia sofrer.

Tanto Joana como Laura, sofreram e adoeceram em decorrência e por causa de suas atividades profissionais, e, por isso, bem como pelas condições inadequadas para o exercício profissional, tinham a intenção de deixarem a docência. Mas, a idéia de abandonar a função de professora causava nas duas intenso sofrimento. Joana não tinha perspectivas futuras promissoras para a sua vida, por acreditar que já estava no fim desta, e o climatério era a evidência que não teria muito mais tempo. Laura sequer conseguia pensar como seria sua vida sem a atividade docente, mas sabia que isso não tardaria, pois o próprio médico já havia feito essa indicação, como forma de preservar mais seu músculo.

Laura não ficaria sem atividade profissional como Joana, pois poderia continuar como diretora, mas mesmo assim, o fato de ter que deixar a sala de aula, a fazia sofrer bastante. No caso de Joana, quem passaria a mostrar para ela que era importante, querida, que fazia falta? Quem fazia isso por e com ela eram os alunos. Talvez por isso, o sofrimento e Joana era tão intenso.

O que se pode extrair da história dessas duas professoras é que a educação, inserida no momento histórico atual, marcado pela intensa desigualdade social, divisão social do trabalho, expropriação e exploração cada vez maior da maioria da população, é um campo que gera prazer, sofrimento e adoecimento.

O prazer vem quando se alcança as finalidades da educação, das complexas ações que compõem a atividade docente, do contato com muitas pessoas, especialmente os alunos. Isso porque os alunos podem aprender o que é ensinado, mas também ensinam o que se aprende só nas e pelas relações com outras pessoas.

O sofrimento vem da impossibilidade de concretizar os fins da atividade profissional, ou das dificuldades enfrentadas para que estas sejam alcançadas, da desvalorização profissional, do desrespeito, das condições inadequadas para o exercício profissional. O sofrimento é determinado pela forma como cada professor apropria-se e objetiva-se nessas (e dessas) condições objetivas da profissão, que dependem também da subjetividade de cada pessoa. O adoecimento é um agravamento do sofrimento que imprime no corpo a repulsa deste em relação a organização e formas da atividade ocupacional.

É fato que as condições objetivas para o exercício profissional estão criando condições subjetivas pouco favoráveis para o enfrentamento da realidade e é evidente que a história pessoal de cada professor também pode determinar o início ou o agravamento da doença e, possivelmente, o tipo dela, bem como os modos de enfrentamento, determinado pelos sentidos que cada professor tem sobre sua atividade e dos motivos desta.

Esses aspectos psicológicos são constitutivos do processo de alienação, que todos os indivíduos estão submetidos enquanto houver, na sociedade, a propriedade privada e a exploração do homem pelo homem. A alienação, enquanto processo psicológico (alienação subjetiva), é

determinado pelo distanciamento entre os significados e os sentidos², e quanto maior for esse distanciamento, mais intenso é o processo de alienação. Esse distanciamento, em menor ou maior proporção, pode se referir ao estranhamento do indivíduo em relação ao produto de seu trabalho, a realidade ou a si mesmo.

Nos casos de Joana e Laura, o processo de alienação por elas vivenciado, evidenciava um estranhamento delas com a realidade e com elas mesmas. O estranhamento de Joana era decorrente, eminentemente, da impossibilidade de concretizar a atividade tal como fora por ela idealizada. A própria idealização da atividade de Joana tinha elementos alienantes, como atribuir como um dos sentidos da atividade docente, o que deveria apenas orientar uma das ações constitutivas desta, como por exemplo, a demasiada importância que tinha para ela as suas relações com os alunos. O estranhamento de Joana em relação a sua atividade, inserida numa realidade também estranha a ela, levava-a a alienação em relação a si mesma por não conseguir mudar e controlar seus sentimentos e emoções em relação a atividade e a própria vida, evidenciada na sua doença e nas suas ações impulsivas e imediatas.

Laura teve certo distanciamento quando sua doença começou a se agravar, exigindo dela mudanças em seu modo de vida e de executar a própria atividade profissional. O que ficou evidente é que essa

reconfiguração gerava sofrimento nela, a fazia sentir-se quebrada, pela dubiedade de sentimentos (gostar, não gostar por lhe causa dor), pela dor constante que sentia, e por sua vida ter que ser reestruturada, o que culminaria com o abandono da atividade docente.

O processo de alienação das duas professoras não se restringia apenas aos aspectos acima apontados; havia também o fato de ambas terem como significados para a educação aqueles que estavam voltados para a manutenção e o desenvolvimento do capitalismo, que pressupõe a adaptação do indivíduo à realidade, e o acordo deste com os mecanismos sociais vigentes, por meio da educação promotora de cidadania. As duas professoras percebiam alguns dos limites do ideário pedagógico que fundamenta teoricamente esse modelo de educação, mas as limitações estavam, para elas, mais na implementação dos elementos teóricos, do que na própria teoria.

Como parte dos sentidos em relação à atividade docente eram semelhantes a esses significados, e tanto Joana como Laura, compartilhavam dos mesmos, pode-se afirmar que ambas vivenciavam um processo de alienação em relação aos objetivos da educação frente as possibilidades emancipadoras da humanidade.

Mas, tudo isso talvez não seja novidade; muitos já sabem o que é necessário ser feito, e várias pesquisas já indicaram essas necessidades, como melhor remuneração, condições adequadas para o exercício profissional, melhor formação profissional tanto a inicial como a continuada, etc. É necessário o professor repensar suas práticas pedagógicas, desde as metodologias e concepções de aprendizagens e situações em que elas aconteçam

² Significado se refere ao que compartilhamos socialmente com outras pessoas sobre algo e sentido é o que esse algo representa para o indivíduo. Exemplo: o significado de ser professor pode ser ensinar, se facilitar, o sentido para alguns pode ser um meio para garantir a sobrevivência. É possível que sentidos e significados sejam coincidentes.

(atenção e organização não são sinônimos de silêncio e alunos sentados por horas) até a relação da dinâmica familiar nos processos de aprendizagem (salvo raros casos, podem ser limitadoras, mas não impeditivas do processo pedagógico).

A história de Joana e Laura referendou esses elementos, mas outros também foram evidenciados como, por exemplo, a necessidade de se compreender melhor a dinâmica dos processos psicológicos especialmente na compreensão da psicopatologia e atividade ocupacional e, a partir disso, elaborar estratégias mais eficazes para minimizar os sofrimentos e adoecimentos de muitas pessoas.

No âmbito da educação, especialmente no caso da saúde dos educadores, esse conhecimento permitiria elaborar estratégias específicas para minimizar os sofrimentos e os adoecimentos, a partir das especificidades da atividade docente e das singularidades de cada professor.

Cabe a todos aqueles comprometidos com a educação emancipadora construir possibilidades emancipatórias, tanto para os alunos, como para os professores, que tanto sofrem e padecem em suas atividades profissionais. Se a sociedade promotora de emancipação humana já existisse, ou estivesse em vias de se concretizar, poder-se-ia terminar a história de Laura e Joana com indicadores de que elas seriam felizes para sempre, como pessoas e como professoras. Como ainda tem-se a tarefa de construir os caminhos para a educação com tal finalidade, cabe a aqueles comprometidos com este fim, auxiliar os professores a promoverem o máximo de desenvolvimento humano. Em alguns casos, como o de Laura e Joana, o auxílio seria na promoção de melhor desenvolvimento nelas

mesmas, para que se tornassem mais saudáveis e pudessem ser melhores professoras.

Já que as atuais condições impostas a educação, e a outras esferas sociais, faz com que a emancipação humana em toda a sociedade fique no plano das idéias (mas que orientam muitas ações e atividades voltadas para que estas se concretizem), não é possível a Joana e Laura terem uma vida tão diferente da que vem tendo. Espera-se que algumas estratégias possam ser elaboradas de modo a auxiliar Laura e Joana, e muitos outros professores, a ter uma felicidade eterna enquanto durar, mesmo que seja alienada e efêmera, já que só se poderá, de fato, ter uma vida melhor para todas as pessoas, quando a emancipação humana deixar de ser uma atividade idealizada para uma tornar-se atividade concretizada.

Referências

- BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BRITO, J., BARROS, M. N. & ATHAIDE, M. (org.) (2001) *Trabalhar na escola? "só inventado o prazer"*. Rio de Janeiro. IPUB/CUCA.
- FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. *Educação & Sociedade*. São Paulo. n. 82, vol. 24 abril de 2003.
- GASPARINI, M. S., BARRETO, S. M. e ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 2, maio.jun 2005. Disponível em <www.scielo.com.br> Acesso em: 12 dez. 2006.
- GENTILI, P. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, J. C., SAVIANI, D., SANFELICE, J.L. (orgs.) *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados, 2002, pp. 45-60.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1972.

LAPO, F.R. e BUENO, B. O. (2002) O abandono do magistério: vínculos e rupturas com trabalho docente. *Psicologia USP*. v.13, n.2, pp. 243-276.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencia del hombre, 1978a.

LESSA, S. *Para além de Marx?* Crítica da teoria do trabalho imaterial. São Paulo: Xamã, 2005.

LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Ciências humanas, 1979.

MARX, K. (1844) Trabalho alienado. In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. pp. 89-102.

MARX, K. (1857) *Introdução para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril cultural, 1978. pp. 103-125.

MARX, K. (1867) *O capital: crítica da*

economia política volume 1. 2 ed. São Paulo: Nova cultural, 1985.

NETTO, J. P. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Ciências humanas, 1981.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade*. n. 89, vol. 25, set/dez 2004, p. 1127-1144.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). *Dados estatísticos sobre a educação*. Disponível em <<http://portaleducacao.prefeitura.sp.gov.br>> Acesso em: 12 fev. 2005a.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL (SINPEEM). *Dados estatísticos sobre os professores*. <http://www.sinpeem.com.br>, acessado em fevereiro de 2005.

TONET, I. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí: Unijuí, 2005.

ZEIGARNIK, B. V. *Psicopatología*. Madrid: Akal, 1981.